

TATIANA ALEXANDRA VASQUES LUCAS

**ADAPTAÇÃO DO INSTRUMENTO ABBREVIATED
PENN STATE WORRY QUESTIONNAIRE PARA A
CO-PREOCUPAÇÃO E VALIDAÇÃO
PORTUGUESA**

Orientadora: Professora Doutora Patrícia M. Pascoal

Coorientadora: Professora Doutora Magda Sofia Roberto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciência da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2021

TATIANA ALEXANDRA VASQUES LUCAS

**ADAPTAÇÃO DO INSTRUMENTO ABBREVIATED
PENN STATE WORRY QUESTIONNAIRE PARA A
CO-PREOCUPAÇÃO E VALIDAÇÃO
PORTUGUESA**

Dissertação defendida em prova pública para a obtenção de grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 25 de maio de 2021, perante o júri nomeado pelo Despacho de nomeação de júri nº 142/2021 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Isabel Santos

Arguente: Professora Doutora Ana Rita Cruz

Orientadora: Professora Doutora Patrícia M. Pascoal

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciência da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2021

Dedicatória

Aos meus pais que, com muito amor, dedicação e apoio, não mediram esforços para que conseguisse concluir esta etapa!

Agradecimentos

Dedico este espaço a agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Patrícia Pascoal, por todo o apoio, atenção, simpatia e partilha de conhecimentos. Obrigada por toda a orientação prestada que foi essencial para a concretização deste trabalho. A Professora Doutora Magda Sofia Roberto, agradeço a sua disponibilidade e o rigor que sempre demonstrou na orientação dos aspetos estatísticos do trabalho.

Agradeço a todos os que voluntariamente participaram neste estudo, que dispuseram do seu tempo e da atenção, sem eles este trabalho não teria sido concretizado.

Aos meus pais e ao meu irmão por todos os sacrifícios ao longo destes cinco anos, nunca tendo permitido que me faltasse amor, carinho, respeito e dedicação. Por estarem sempre ao meu lado e por me apoiarem independentemente das minhas decisões. Obrigada por acreditarem em mim e por me ajudarem a conquistar os meus sonhos, sem vocês nada disto teria sido possível.

Às minhas amigas, Ionela, Inês Carvalho, Inês Rouquinho por toda a motivação e companheirismo que demonstraram ao longo de todo o meu percurso pessoal e académico. Ao meu Padrinho Académico, Carlos Ferreira pela partilha de experiências e pelo o companheirismo. Às minhas colegas de curso, Jéssica, Monica, Maria, Sofia e Margarida por terem acompanhado o meu percurso académico mais de perto ao longo destes dois anos. À minha colega de seminário, Luiana pelo acompanhamento em momentos de euforia, mas também em momentos de desistência, por me fazer ver que devemos lutar por aquilo em que acreditamos e queremos e que só com muito trabalho, esforço e dedicação conseguimos alcançar o propósito.

Por último, e menos importante ao meu companheiro, Paulo Romão por todo o amor, compreensão, paciência, por estar sempre a dar-me forças e a incentivar a nunca desistir, quando a vontade assim o dizia.

A todos, muito obrigado!

Resumo

A co-preocupação está associada a resultados positivos (e.g., apoio e conforto) e a resultados negativos (e.g., ter consequência negativas para o seu relacionamento e para os indivíduos envolvidos nesse relacionamento) podendo contribuir de forma significativa para o desenvolvimento e manutenção de estados ansiosos e depressivos. Através de um desenho quantitativo transversal, o presente estudo pretendeu adaptar e validar a versão Abbreviated Penn State Worry Questionnaire (PSWQ-A) para a co-preocupação em relações amorosas (CO-PSWQ-A) e analisar as suas propriedades psicométricas. Dado o procedimento analítico implicar uma análise fatorial exploratória (AFE) e outra confirmatória (AFC), a amostra geral foi aleatoriamente dividida em duas subamostras. A subamostra 1 corresponde à AFE, é composta por 129 participantes e a subamostra 2 à AFC com 126 participantes. O CO-PSWQ-A apresentou índices satisfatórios de consistência interna ($\alpha = .90$). O instrumento apresentou validade de construto. A correlação positiva com o PSWQ-A demonstraram haver validade convergente e a validade discriminante foi demonstrada pela inexistência de correlações entre o CO-PSWQ-A e o The Sexual Pleasure Scale. Os resultados evidenciam boas propriedades psicométrica do CO-PSWQ-A e sugerem que é um instrumento útil e válido para medir a co-preocupação em contexto de relações amorosas.

Palavras-chave: Co-preocupação; Ansiedade; Adaptação; Validação.

Abstract

Co-worry is associated with positive results (e.g., mutual support and comfort) and negative results (e.g., negative results to the relationship as well as to the people involved) and can significantly contribute to the development and maintenance of anxious and depressive states. Through a transversal and quantitative design, this study purpose was to adapt and validate the Abbreviated Penn State Worry Questionnaire (PSWQ-A) to co-worry in romantic relationships (CO-PSWQ-A) and to analyze its psychometric properties. Since the analytical procedure involves an exploratory factor analysis (AFE) and a confirmatory one (AFC), the general sample was randomly divided into two subsamples. Subsample 1 corresponds to AFE, is composed of 129 participants, and subsample 2 to AFC with 126 participants. The CO-PSWQ-A presented satisfactory internal consistency indexes ($\alpha = .90$). The instrument showed construct validity. The positive correlation with PSWQ-A showed convergent validity and discriminant validity was demonstrated by the lack of correlations between CO-PSWQ-A and The Sexual Pleasure Scale. The results point to good psychometric properties of the CO-PSWQ-A and suggest it as a useful and valid instrument for measuring co-concern in romantic relationships.

Keywords: Co-Worry; Anxiety; Adaptation; Validation.

Abreviaturas, Siglas e Símbolos

α – Alfa de Cronbach

AFC – Análise fatorial confirmatória

AFE – Análise fatorial exploratória

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica

CFI – Comparative Fit Index

CO-PSWQ – Penn State Worry Questionnaire para a co-preocupação

CO-PSWQ-A – Abbreviated Penn State Worry Questionnaire para a co-preocupação

COWS – The Consequences of Worrying Scale

CWS – The Co-Worry Scale

DP – Desvio Padrão

e.g., – Por exemplo

et. al., – Colaboradores

EUA – Estados Unidos da América

KMO – Kaiser-Meyer-Olkin

M – Média

n – Tamanho da amostra

p – Valor de significância estatística

PSWQ – Penn State Worry Questionnaire

PSWQ-A – Abbreviated Penn State Worry Questionnaire

r – Coeficiente da correlação de Pearson

RMSEA – Root Mean Square Error Approximation

SPS – The Sexual Pleasure Scale

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

SRMR – Standardized Root Mean Square Residual

TLI – Tucker-Lewis Index

WDQ – The Worry Domains Questionnaire

X^2 – Qui-quadrado

% – Percentagem (frequência relativa)

Índice Geral

Resumo	5
Abstract	6
Abreviaturas, Siglas e Símbolos	7
Introdução	13
Abordagem transdiagnóstica.....	13
Preocupação	14
Co-preocupação	17
Instrumentos existentes para avaliar co-preocupação.....	19
O presente estudo.....	22
Método	22
Participantes.....	22
Instrumentos.....	23
Questionário de dados sociodemográficos.....	23
Abbreviated Penn State Worry Questionnaire para a co-preocupação	23
Abbreviated Penn State Worry Questionnaire	24
The Sexual Pleasure Scale	24
Procedimentos de adaptação do instrumento.....	25
Procedimentos de recolha de dados	26
Procedimentos de análise de dados.....	26
Resultados.....	27
Estatística descritiva	29
<i>Análise Fatorial Exploratória</i>	30
<i>Análise Fatorial Confirmatória</i>	31
Validade de construto	32
Consistência interna.....	33

Validade convergente e discriminante	34
Discussão.....	34
Implicações do estudo.....	36
Limitações e sugestões para futuros estudos	37
Referências Bibliográficas	39
Apêndice	I
Apêndice I.....	II

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da subamostra 1	28
Tabela 2. Estatística descritiva da CO-PSWQ-A	29
Tabela 3. Correlações entre os itens do instrumento CO-PSWQ-A	30
Tabela 4. Pesos fatoriais e comunalidades do instrumento CO-PSWQ-A	31
Tabela 5. Caracterização sociodemográfica da subamostra 2	31
Tabela 6. Correlações entre CO-PSWQ-A, PSWQ-A e SPS	34

Índice de Figuras

Figura1. Diagrama da estrutura unifatorial e respetivos pesos fatoriais	33
---	----

Introdução

Abordagem transdiagnóstica

A abordagem transdiagnóstica tem como objetivo focar-se nas semelhanças entre diferentes perturbações. Esta abordagem pode ser importante para compreender, os processos envolvidos na etiologia de uma perturbação e os processos envolvidos na sua manutenção (Harvey et al., 2004). Constitui um ponto de interseção entre a personalidade e psicopatologia, sendo, por isso um fenómeno relevante e útil para a prática clínica (Rodriguez-Seijas et al., 2015). Uma potencial vantagem em usar a abordagem transdiagnóstica é que esta pode fornecer explicações parcimoniosas para os elevados níveis de comorbilidade entre as perturbações (Harvey et al., 2004). No geral, a abordagem transdiagnóstica pode ser uma estratégia mais simples e eficaz do que a avaliação tradicional, uma vez que esta permite caraterizar o paciente, ponderar e combinar os sinais/sintomas para compreender o nível de severidade dos problemas apresentados, acomodar a heterogeneidade de diagnostico e fornecer informações sobre os fatores transdiagnóstico (Rodriguez-Seijas et al., 2015).

A abordagem transdiagnóstica apresenta benefícios no tratamento de diversas perturbações emocionais, tais como, perturbações de ansiedade e depressão (Barlow et al., 2004). Uma das caraterísticas comum nestas perturbações é a preocupação excessiva/pensamento repetitivo negativo, por isso é considerado um construto transdiagnóstico (Chen et al., 2013). A preocupação é amplamente estudada enquanto fator transdiagnóstico explicativo das perturbações emocionais tais como a ansiedade generalizada (Spinhoven et al., 2015).

Dentro da abordagem transdiagnóstica da psicopatologia, as cognições perseverativas, tais como a co-preocupação e a co-ruminação têm tido grande destaque. Estas podem ter uma tradução interpessoal, especialmente junto das pessoas mais próximas (Calmes & Roberts, 2008). Apesar de estudos exploratórios terem identificado a importância da co-preocupação para o ajustamento emocional e para as relações interpessoais existe uma grande ausência de estudos sobre a co-preocupação em relações íntimas amorosas (Dombrowski, 2014; Parkinson et al., 2016). Para ajudar a construir estudos nesta área, neste trabalho pretendemos fazer a adaptação da escala de preocupação para o contexto das relações amorosas.

Preocupação

Segundo Borkovec (1985) os seres humanos têm a capacidade cognitiva de criar representações mentais de eventos passados ou futuros, com o objetivo de planejar ou resolver problemas, sendo capazes de gerar representações internas de eventos futuros aversivos que causam ansiedade, mesmo na ausência de uma ameaça existente. Esta capacidade de representar simbolicamente a ameaça forma a base da preocupação (Borkovec, 1985).

A preocupação é um fenómeno comum experienciado por quase todos os indivíduos, sendo normal ficar preocupado perante situações futuras que possam representar algum tipo de ameaça ou perante tarefas importantes a realizar (Kelly, 2008; Wells, 1995). De acordo com Mathews (1990) a preocupação é definida como uma consciência persistente e intensa do eventual futuro perigo, que é repetidamente ensaiada sem ser solucionada. No entanto, MacLeod e colaboradores propuseram outra definição que engloba todos os diversos conceitos sobre a preocupação, sugerindo que “a preocupação é um fenómeno cognitivo, preocupa-se com eventos futuros em que há incerteza sobre o resultado, o futuro em que se pensa é negativo e isso é acompanhado por sentimentos de ansiedade” (MacLeod et al., 1991; p.478). Para Boehnke e colaboradores (1998), a preocupação tem duas facetas, nomeadamente o objeto e o domínio. O objeto representa o próprio, as pessoas próximas, a sociedade e o mundo. Segundo os autores o objeto é dividido em dois grupos, as micro preocupações (incluem o próprio e as pessoas próximas) e as macro preocupações (engloba a sociedade e o mundo). O domínio é a área de vida a que diz respeito, como por exemplo, a saúde, as finanças e a segurança. Em termos de determinar o impacto da preocupação na saúde mental, o objeto revela-se mais importante do que o domínio, podendo se relacionar com uma pobre saúde mental. Enquanto para Eysenck (1992, citado por Beck & Clark, 2011) o mecanismo de preocupação envolve três funções, o alarme, o aviso e a preparação da antecipação de uma situação futura. A primeira função é responsável pela inserção de sinais de ameaça. O aviso proporciona a repetição constante de pensamentos e imagens sobre a ameaça e a última função permite gerar possíveis respostas (e.g., uma solução para o problema, uma preparação emocional para as consequências negativas ou um comportamento de evitamento).

Para Ruscio e Borkovec (2004) a preocupação resulta de pensamentos e imagens antecipadas de eventuais resultados negativos, permitindo ativar alguns recursos que ajudam a solucionar os problemas e enfrentar as circunstâncias (e.g., preocupar-se pelo resultado negativo na nota de um futuro teste, neste caso, a solução para os problemas seria dedicar mais

tempo nos estudos), neste sentido a preocupação pode ser considerada como adaptativa. Posteriormente, os autores Sibrava e Borkovec (2006) acrescentam que a preocupação envolve principalmente o pensamento verbal-linguístico (e.g., quando nos preocupamos, estamos a falar sozinhos). Em suma, a evolução do conceito de preocupação ilustra o seu carácter adaptativo, mas também o negativo.

A preocupação com carácter construtivo e adaptativo contribui para resolução de problemas, redução da ansiedade e facilita os estilos de coping (Davey et al., 1992; Davey & Tallis, 1994). Ao assemelhar-se ao processo de resolução de problemas é considerada como uma forma de tentar procurar maneiras de evitar eventos interpretados como ameaçadores ou aversivos. Esta visão vai ao encontro dos resultados de duas investigações sobre a preocupação, a investigação de Tallis et al. (1994), conclui-o que 83% dos entrevistados relataram que a preocupação os ajudava a encontrar soluções para os seus problemas diários e a investigação de Szabo e Lovibond (2002), segundo o qual 48% dos episódios de preocupação experienciados ocorrem como um processo de resolução de problemas automático e 17% como antecipação de eventuais resultados negativos de uma experiência. Neste sentido a preocupação pode ser considerada uma resposta adaptativa para problemas conhecidos ou antecipados.

Por outro lado, a preocupação pode ser considerada como um processo indesejável, incontrolável e está associada a pensamentos negativos e sentimentos de desconforto emocional. Hunt e colaboradores (2009) referem que a preocupação se caracteriza por uma série de cognições negativas, involuntárias e incontroláveis sobre um evento futuro perante o qual o resultado é incerto. Estas cognições levam frequentemente os indivíduos a comportarem-se de forma a reduzir o risco pessoal (Klein et al., 2009). A preocupação ao se tornar excessiva e incontrolável retrata uma característica principal no diagnóstico da perturbação de ansiedade generalizada e está presente nas outras perturbações de ansiedade (Dupuy et al., 2001). Este tipo de preocupação é caracterizada por ser (1) mais generalizada; (2) demorada; (3) incontrolável; (4) concentra-se principalmente em problemas menores e mais remotos; (5) é seletivamente influenciada pela ameaça; e (6) é menos provável associar a preocupação a precipitantes externos reconhecíveis (Craske et al., 1989; Dupuy et al., 2001; Ruscio et al., 2001).

A preocupação excessiva e incontrolável normalmente encontra-se associada a aspetos do quotidiano, sejam as responsabilidades a propósito do trabalho, da saúde, da segurança, da família, do dinheiro, das relações interpessoais e dos trabalhos diários, ou a situações que

surgem no dia-a-dia e que são prováveis de acontecer (e.g., perder as chaves de casa, o carro avariar, alguém comentar algo menos agradável acerca da pessoa) (Wells, 1999). Consequentemente, surgem dificuldades no funcionamento diário dos indivíduos, tais como, aumento da ansiedade e depressão, défices no processo de recuperação de eventos stressantes e aumento do risco de desenvolver doenças cardiovasculares (Dugas et al., 2001).

Inicialmente alguns autores argumentavam que a preocupação era só uma manifestação cognitiva da ansiedade, uma vez que a mesma resultaria de uma predisposição atenta as pistas de ameaça e que funcionalmente não existiam diferenças entre ambas (Stober & Joormann, 2001a). Ao assumir que a preocupação deriva da ansiedade, pode-se estar a suprimir fatores, como o stress, que contribuem para a preocupação e que são diferentes da ansiedade. Assim, não será errado assumir que, da mesma maneira que o stress e a ansiedade se revelam construtos diferentes, o mesmo acontece com a preocupação e a ansiedade (Kelly, 2008). De acordo com algumas investigações a ansiedade e o stress são dois fatores que podem contribuir para a preocupação (Chang, 2000; Kelly, 2004; Paolini et al., 2006; Segerstrom et al., 2000; Stober & Joormann, 2001b).

Kelly (2008) propõe que a preocupação que se encontra mais relacionada com fatores externos (a sociedade, o mundo, e.g., preocupar-se com o agravamento da destruição do meio ambiente) implica o stress e normalmente não se associa à ansiedade, enquanto a preocupação mais relacionada com fatores internos (o próprio e as pessoas próximas, e.g., preocupar-se com os familiares mais próximos estarem doentes) se encontra associada à experiência de ansiedade. Esta afirmação sustenta os resultados previamente encontrados por Boehnke e colaboradores (1998), que colocam a suposição de que as micro preocupações, como por exemplo, as preocupações relacionadas com o próprio e com as pessoas próximas, relacionam-se positivamente com a ansiedade e com os outros indicadores de pobre saúde mental e negativamente com os indicadores de bem-estar psicológico. Sendo que quanto mais um individuo se preocupa com as possíveis ameaças a si mesmo (e.g., ser vítima de um crime violento, a sua própria morte), mais ansioso/deprimido fica, contudo, se aumentarmos tanto os níveis de stress como de ansiedade, os níveis de preocupação no geral aumentam (Boehnke et al., 1998; Kelly, 2008)

A preocupação também pode estar relacionada com eventos de vida e o seu número, ou seja, quanto maior é o número de eventos de vida, maior probabilidade tem de se preocupar por causa da quantidade de excitação que é necessária para lidar emocionalmente com os eventos

(Babcock et al., 2012). Por outro lado, também parece estar correlacionada com uma menor capacidade de gerir o tempo, depressão, perfeccionismo, desconforto físico, tédio, insónia, menos sentido de humor, intolerância ao incerto, pessimismo, menos confiança na resolução de problemas, tendência para ver as dificuldades como ameaças e disfuncionalidade familiar (Kelly, 2008; Kelly & Paolini, 2014). E ainda as variáveis socioeconómicas (e.g., baixos salários, violação dos direitos humanos, desigualdade de oportunidades) preveem elevados níveis de preocupação (Schwartz & Melech, 2000).

Alguns estudos têm demonstrado que o conteúdo das preocupações varia com a idade, o estatuto matrimonial, a educação e o género (Lindesay et al., 2006; Barahmand, 2008). Normalmente os jovens adultos tendem a preocupar-se mais do que os adultos, visto que a preocupação tende a diminuir com a idade (Gould & Edelstein, 2010). Esta tendência foi observada em estudos com amostras nacionalmente representativas dos Estados Unidos da América (EUA), do Reino Unido e da Austrália e em estudos comunitários realizados no Canadá e nos EUA (Basevitz et al., 2008; Gonçalves & Byrne, 2012; Gould & Edelstein, 2010; Hunt et al., 2003; Lindesay et al., 2006). O conteúdo da preocupação nos jovens está mais relacionado com a escola¹, o emprego, as finanças, as relações interpessoais e a tomada de decisão relativamente as escolhas futuras (Forte et al., 2011; Gonçalves & Byrne, 2012). Nos adultos está relacionada com as preocupações familiares como a saúde, questões mundiais como a degradação ambiental e a desaceleração económica (Hunt et al., 2003). Geralmente os adultos para lidar melhor com a preocupação recorrem a estratégias de coping desadaptáveis, tais como, fumar, dormir ou escrever sobre as suas preocupações com intuito de promover a diminuição dos níveis de preocupação (Hunt et al., 2003).

Co-preocupação

A preocupação é caracterizada muitas vezes por ser uma atividade privada, mas também pode ocorrer em contextos interpessoais, nomeadamente com pessoas próximas (Parkinson & Simons, 2014). Segundo Parkinson et al. (2016) expressar preocupação aos outros pode fazer com que essas pessoas fiquem mais preocupadas, suprimir a expressão de preocupação pode aliviar esse efeito interpessoal. Existe duas formas de expressar a preocupação, (1) comunicar

¹ Especificamente na transição para a universidade verifica-se uma adicional preocupação relacionada com os parceiros de casa, as expectativas da universidade e as dificuldades relacionadas com o estudo (diferenças entre educação obrigatória e universidade, falhas em eventos específicos, como por exemplo, exames ou qualificações) (Denovan & Macaskill, 2013).

de forma calma a fim de tranquilizar o companheiro de que uma preocupação não é tão séria quanto parece (calmante interpessoal); e (2) comunicar de forma a chamar a atenção do companheiro para as possíveis preocupações (alerta interpessoal).

Parkinson e Simon (2014) propuseram diversos processos de como a preocupação que é expressa por um indivíduo pode se transferir para outro, inclui a avaliação social direcionada ao objeto, preocupação empática e contágio de ansiedade. Na avaliação social direcionada ao objeto, o indivíduo fica mais preocupado com um objeto, devido ao contacto com o companheiro que expressa preocupação (Van Kleed, 2009). Na preocupação empática quando uma pessoa transmite a sua preocupação ao outro, não só comunica informações sobre o que a preocupa, mas também sobre a pessoa que está a expressar e a sua capacidade para lidar com essa preocupação (Parkinson & Simon, 2014). Assim, em vez de se preocupar com o objeto da preocupação do outro, preocupa-se com o impacto que esse objeto está a ter sobre ele. Em suma, o foco principal da sua preocupação é (1) a outra pessoa; (2) o bem-estar do outro; ou (3) a capacidade de lidar com a situação. Por fim, o contágio de ansiedade tem duas fases, a imitação automática do comportamento não verbal dos parceiros de interação e o feedback interno de expressões induzidas por mimetismo contribui para a experiência emocional (Chartrand & Van Baaren, 2009; Laird & Bresler, 1992). Por exemplo, no contágio de ansiedade uma pessoa pode se começar a sentir tensa e preocupada ao conversar com uma pessoa ansiosa, isto porque as expressões faciais e vocais vão se tornando sintonizadas com as da outra pessoa à medida que interagem (Parkinson & Simon, 2014).

Um processo que por vezes é mais comum nos relacionamentos interpessoais próximos, é a metapreocupação interpessoal. A metapreocupação apresenta-se pela incerteza sobre o potencial de confronto focado na emoção de outra pessoa (especificamente está focado na preocupação), ou sobre a própria capacidade de regular a preocupação dessa outra pessoa/companheiro (potencial de enfrentamento focado na preocupação interpessoal) (Parkinson & Simon, 2014).

Para ajudar a compreender melhor a preocupação interpessoal Dombrowski (2014) e Golsdtein (2014) desenvolveram um estudo com apoio de um instrumento que permitisse avaliar os padrões ansiosos da comunicação nos relacionamentos. Os objetivos dos dois estudos era avaliar as interações interpessoais entre amigos do mesmo género utilizando a medida Co-Worry Scale (CWQ). Os resultados demonstraram que a co-preocupação pode não ser uma característica positiva dos relacionamentos (pode ter um impacto negativo nas relações

interpessoais, transformando as relações saudáveis, em relações pouco construtivas, doentias e desgradeáveis) e os fatores interpessoais podem ser um importante fator de risco para o desenvolvimento de ansiedade.

Segundo Dombrowski (2014) e Golsdtein (2014) a co-preocupação é caracterizada por (1) conversas diádicas repetitivas sobre a percepção de ameaças; (2) incapacidade de controlar a preocupação e (3) incapacidade de lidar com futuros eventos negativos.

Quando o foco das conversas se concentra em estado de humor negativo e eventos de vida negativos, influencia no aumento de sintomas de ansiedade e depressão. A nossa conclusão é que a co-preocupação na dimensão em casais é um construto que ainda pouco se sabe e não se conhece medidas fundamentadas para esta dimensão em casais. Tendo isto em conta, seria importante investir em estudos sobre a co-preocupação na área clínica e na dimensão em casais, pois uma melhor compreensão sobre este tema pode ajudar no desenvolvimento de ferramentas terapêuticas para lidar com a preocupação excessiva e os problemas que a mesma pode criar (e.g., surgimento de possíveis perturbações da ansiedade e depressão).

Instrumentos existentes para avaliar co-preocupação

No decorrer da revisão da literatura sobre instrumentos que avaliassem o construto de co-preocupação foi possível verificar uma medida, o Co-Worry Scale (CWS). O CWS é um questionário de autorrelato que avalia as interações interpessoais com um melhor amigo do mesmo género. Os itens refletem as discussões que se focam nas dificuldades em interromper uma conversa sobre preocupação, em interpretações de ameaças, na probabilidade de eventos negativos e na baixa eficácia percebida das habilidades de enfrentamento. Os participantes são instruídos a identificar um amigo do mesmo género e em seguida respondem às 12 questões sobre como “falamos sobre as nossas preocupações”. É constituído por 12 itens, em que a cotação é realizada numa escala tipo Likert de 5 pontos, 1 = *nada é verdadeiro* até 5 = *realmente verdadeiro*. Apresenta uma alta consistência interna de .90. Esta medida é da autoria de Herzig-Anderson, Dombrowski e Treadwell. No entanto, não é possível localizar o artigo original, devido ao facto que esta medida foi apresentada numa conferência em 2012 no Canadá. CWS é mencionada nos estudos de Goldstein (2014) e de Dombrowski (2014). Optamos por não estudar esta medida pela ausência de estudos publicados que a sustentem, nem se conhecer a sua adequação para contextos amorosos (e.g., não é adequada avaliar a co-preocupação da dimensão casal).

Após a revisão da literatura, para além da menção do Co-Worry Scale não encontramos outros instrumentos que avaliem a co-preocupação. Tendo isto em conta, optamos por adaptar um instrumento já existente sobre o constructo similar de base, a preocupação. Passamos a apresentar um levantamento dos instrumentos encontrados.

O instrumento The Worry Domains Questionnaire (WDQ) foi desenvolvido por Tallis e colaboradores (1992), inclui 30 itens que pretendem avaliar seis domínios da preocupação. No entanto, um dos domínios, a preocupação social mostrou-se contaminada por desejabilidade, assim surge a versão reduzida de Stober e Joormann (2001a) com o objetivo de avaliar a preocupação não patológica. Esta medida engloba apenas cinco domínios da preocupação, sendo eles o relacionamento (e.g., “que eu vou perder amigos íntimos”), a falta de confiança (e.g., “que eu poderei me fazer parecer estúpido”), o futuro sem objetivo (e.g., “que a vida pode não ter nenhum propósito”), o trabalho (e.g., “que eu não mantereí minha carga de trabalho atualizada”) e o financeiro (e.g., “que meu dinheiro acabará”), cada domínio tem 5 itens. O questionário é composto por 25 itens, cotados numa escala tipo Likert de 5 pontos, 0 = *não em todos*, 1 = *um pouco*, 2 = *moderadamente*, 3 = *bastante* e 4 = *extremamente*. Os valores obtidos nos estudos indicam uma boa consistência interna, acima do nível de .90 (Stober & Joormann, 2001a). Esta medida não é apropriada para o nosso objetivo (adaptar a contextos amorosos) pelos seguintes motivos, (1) é uma medida relativamente longa e (2) não se adequa a avaliar a dimensão patológica da preocupação.

The Consequences of Worrying Scale (COWS; Davey et al., 1996) é um questionário de autorrelato que mede as crenças sobre as consequências de se preocupar. É constituído por 29 itens, a cotação é realizada numa escala tipo Likert de 5 pontos (após a revisão da literatura não foi encontrada as possíveis formas de resposta/opções de resposta). O questionário inclui cinco fatores que representam as consequências de se preocupar. As consequências negativas são compostas por três fatores, (1) a preocupação perturba o desempenho efetivo; (2) a preocupação exagera o problema e (3) preocupar-se causa desconforto emocional. As consequências positivas incluem dois fatores, (1) a preocupação motiva e (2) a preocupação ajuda o pensamento analítico. Em termos de fiabilidade interna, os valores do Coeficiente alfa de *Cronbach* encontrados para os cinco fatores variam entre .72 – .87, sugerindo uma boa consistência interna (Davey et al., 1996). Esta medida não é apropriada por ser relativamente longa (e.g. contém 29 itens), no presente estudo optamos por utilizar uma medida breve e de fácil aplicação.

The Why Worry Scale II (Gosselin et al., 2003) pretende avaliar cinco crenças positivas sobre a preocupação. É um questionário de 25 itens, a cotação é realizada numa escala tipo Likert de 5 pontos, desde 1 = *nada verdadeiro* a 5 = *absolutamente verdadeiro*. Foi desenvolvido em 1997 como uma versão revista do Why Worry (Freeston et al., 1994), é considerado como uma medida mais parcimoniosa de ambas as crenças positivas sobre a preocupação. As cinco crenças que a medida avalia são, (1) a preocupação facilita a resolução de problemas; (2) a preocupação aumenta a motivação; (3) a preocupação protege contra emoções; (4) a preocupação impede resultados negativos e (5) a preocupação reflete um traço positivo de personalidades. O questionário demonstra uma excelente consistência interna e uma boa confiabilidade (Hebert et al., 2014). Esta medida não é apropriada por ser relativamente longa (e.g. contém 25 itens).

Embora algumas medidas tenham sido formuladas para avaliar os níveis de preocupação, o Penn State Worry Questionnaire (PSWQ) é a medida mais usada na literatura internacional e foi desenvolvido por Meyer et al. (1990) para avaliar o tipo, a frequência, a intensidade e a tendência para que a preocupação seja generalizada e não restrita a um pequeno número de situações em populações adultas, clínicas e não clínicas. Trata-se de uma escala de autorrelato, constituída por 16 itens que avaliam a preocupação. Todos os itens são cotados numa escala tipo Likert de 5 pontos, desde 1 = *nada típico de mim* até 5 = *muito típico de mim*. No que diz respeito à escala original, os valores obtidos nos estudos indicam uma excelente consistência interna e os níveis de confiabilidade variam entre valores de *alfa de Cronbach* de .91 – .95 (Meyer et al., 1990). A escala tem cinco itens que tem uma pontuação inversa, sendo eles o 1, 3, 8, 10, 11. Estes itens invertidos são pontuados da seguinte forma, o 5 = *muito típico de mim* corresponde a uma pontuação de um ponto, ao seleccionar o 4 na folha corresponde a dois pontos, o 3 equivale a três pontos, o 2 representa quatro pontos e por último, o 1 = *nada típico de mim* corresponde a cinco pontos. Para os restantes itens da escala a pontuação é, o 1 = *nada típico de mim* equivale a um ponto, as classificações 2, 3 e 4 não são transformadas e o 5 = *muito típico de mim* coincide com cinco pontos. A pontuação total da escala varia de 16 a 80 pontos. Segundo Meyer e colaboradores (1990) existe três formas de classificar a preocupação de acordo com a pontuação total da escala, sendo que de 16 a 30 pontos é considerada preocupação, de 40 a 59 preocupação moderada e de 60 a 80 designada por preocupação alta. É uma medida de rápida aplicação e cotação, o que permite ao clínico uma avaliação breve da preocupação e é adequada a avaliar a dimensão patológica. Posteriormente foi desenvolvida uma versão reduzida do PSWQ que irei utilizar no estudo com intuito de tornar

a aplicação mais rápida e breve numa população não clínica. Após o contacto com os autores originais, fez-se a adaptação da versão abreviada para o contexto das relações amorosas.

O presente estudo

Após a revisão da literatura, verificou-se que a co-preocupação é um construto que tem sido pouco estudado, deste modo, encontra-se pouca informação acerca desta dimensão em casais, contudo, é importante investir em estudos para aprofundar o conhecimento da co-preocupação na área clínica e na dimensão em casais. Para além disso, também não foram encontradas medidas que avaliassem a dimensão em casais. Com a inexistência de um instrumento validado para a população portuguesa que avalie o construto co-preocupação nas relações amorosas, torna-se relevante a adaptação e a validação de uma medida. Deste modo, o presente estudo pretende, 1) adaptar o PSWQ-A para um contexto relação amorosa, originando uma nova medida a CO-PSWQ-A e 2) analisar as propriedades psicométricas do CO-PSWQ-A através da análise da validade (construto, convergente e discriminante), da fiabilidade (alfa de Cronbach) e da sensibilidade (assimetria, curtose). A CO-PSWQ-A pode ser uma peça chave para ajudar a compreender os processos interpessoais que diminuem, mantêm ou agravam a preocupação individual e também o impacto destes processos na saúde mental individual e das relações e contribuir para o desenvolvimento de ferramentas terapêuticas para lidar com a preocupação excessiva, a sua tradução interpessoal e os problemas que a mesma pode criar.

Método

Participantes

Este estudo teve como critérios de inclusão: 1) dominar a língua portuguesa como língua nativa, 2) ter idade igual ou superior a 18 anos e 3) estar numa relação amorosa há pelo menos um ano (e.g. namoro, união de facto, casamento). A amostra foi composta por 255 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e 67 anos ($M = 35.31$, $DP = 10.07$), sendo que 74.9% ($n = 191$) são do género feminino, 24.3% ($n = 62$) são do género masculino, 0.4% ($n = 1$) não binária ‘e.g. *genderqueer*, *genderfluid*’ e a restante amostra é sem género (0.4%, $n = 1$). Quanto à orientação sexual dos participantes, 89% ($n = 227$) são heterossexuais, 5.1% ($n = 13$) são bissexuais, 2.7% ($n = 7$) são lésbicas, 1.6% ($n = 4$) corresponde a gay, 1.2% ($n = 3$) escolheram a opção “outra” e 0.4% ($n = 1$) optou por responder “indefinida”. No que diz respeito à formação profissional, 5.5% ($n = 14$) possuem o grau de doutoramento, 26.3% ($n = 67$) têm o grau de

mestrado, 41.2% ($n = 105$) concluíram a licenciatura, 23.1% ($n = 59$) completaram o 12º ano ou equivalente, 0.8% ($n = 2$) tem o 9º ano ou equivalente e 3.1% ($n = 8$) escolheram a opção outra. Das diversas opções de estatuto civil, 34.5% ($n = 88$) estão casados, 32.9% ($n = 84$) estão numa união de facto/coabitação, 29.4% ($n = 75$) tem uma relação de namoro, 2.7% ($n = 7$) pertencem a outra opção de estatuto civil, 0.4% ($n = 1$) optou por não responder. Em relação onde vivem, 49.8% ($n = 127$) vivem no centro da área urbana, 32.2% ($n = 82$) na periferia de um centro urbano, 7.1% ($n = 18$) num centro urbanizado de uma zona rural, 5.5% ($n = 14$) na zona rural junto a um centro urbano, 2.4% ($n = 6$) na zona rural com muita densidade populacional, 2.0% ($n = 5$) vivem numa zona rural com pouca população e 1.2% ($n = 3$) optaram por não responder.

Instrumentos

As medidas de avaliação que foram utilizadas no presente estudo são, o questionário de dados sociodemográficos, a Abbreviated Penn State Worry Questionnaire (PSWQ-A; Hopko et al., 2003), a Abbreviated Penn State Worry Questionnaire para a co-preocupação (CO-PSWQ-A) e a The Sexual Pleasure Scale (SPS; Pascoal et al., 2017).

Questionário de dados sociodemográficos

O questionário pretende recolher informações acerca dos dados pessoais dos participantes. É composto por 12 questões referentes ao género do próprio e do companheiro, a idade, a orientação sexual, o grau de formação, a naturalidade, a estrutura da sua relação e a duração da mesma.

Abbreviated Penn State Worry Questionnaire para a co-preocupação (CO-PSWQ-A)

O CO-PSWQ-A é um instrumento de autorrelato que pretende avaliar a co-preocupação dos relacionamentos amorosos e que constitui o foco do presente estudo (e.g., “Estamos sempre preocupados com alguma coisa”). É constituído por 8 itens. O participante tem que avaliar em que medida os itens se aplicam à sua relação amorosa através de uma escala tipo Likert de cinco pontos, de 1 = *nada típico de nós* a 5 = *muito típico de nós*. A pontuação total da escala varia de 8 a 40 pontos, sendo que valores mais altos são indicadores de um nível mais elevado de co-preocupação.

Abbreviated Penn State Worry Questionnaire (PSWQ-A; Hopko et al., 2003)

Desenvolvido pelos autores Hopko e colaboradores (2003), o PSWQ-A propõe-se a avaliar a gravidade da preocupação (e.g., “Eu sei que não me devo preocupar com as coisas, mas não consigo evitá-lo”). O PSWQ-A é uma versão reduzida do instrumento PSWQ desenvolvido pelos autores Meyer, Miller, Metzger e Borkovec (1990). O instrumento apresenta uma estrutura unifatorial, sendo composto por 8 itens e é utilizada uma escala tipo Likert de cinco pontos, em que 1 corresponde a «nada típico de mim» e 5 a «muito típico de mim». Em termos de pontuação, a mesma pode variar de 8 a 40 pontos sendo que uma pontuação mais alta é indicadora de maior nível de preocupação. No estudo de Hopko e colaboradores (2003), com uma amostra de idosos diagnosticados com ansiedade generalidade ($n = 160$) com idades compreendidas entre os 55 e 88, a escala revelou um nível adequado de consistência interna ($\alpha = .87$). No estudo de Crittendon e Hopko (2006), com uma amostra de idosos ($n = 115$) e estudantes universitários ($n = 183$), o PSWQ-A apresentou um valor de consistência interna adequado, com um alfa de *Cronbach* de .89 – .94. No presente estudo com uma amostra de 255 participantes com idades compreendidas entre os 18 e 67 anos, o instrumento revelou uma excelente de consistência interna ($\alpha = .94$).

The Sexual Pleasure Scale (SPS; Pascoal et al., 2017)

Desenvolvido pelos autores Pascoal e colaboradores (2017) com base nos três itens desenvolvidos por Sanchez et al. (2005) para medir o prazer sexual. O SPS é um instrumento breve e fácil de implementar que avalia a extensão do prazer sexual experimentado em relacionamentos sexuais, atividades sexuais e intimidade sexual (e.g., “Considero que as relações sexuais”). É composto por três itens respondidos com base numa escala tipo Likert de sete pontos, em que -3 corresponde a «são fonte de desprazer» e 3 a «são fonte de prazer». A pontuação total da escala varia de 3 a 21 pontos, sendo que uma pontuação mais alta é indicadora de maior prazer sexual. No estudo de Pascoal e colaboradores (2017), com uma amostra de pacientes portugueses com diagnóstico de disfunção sexual ($n = 89$) e comunitária não clínica ($n = 188$) revelou um valor alfa de *Cronbach* de .94. No presente estudo, o instrumento SPS apresenta uma excelente de consistência interna ($\alpha = .96$).

Procedimentos de adaptação do instrumento

Inicialmente tínhamos optado por usar o instrumento Penn State Worry Questionnaire, para servir de base à adaptação para contextos amorosos. Após uma revisão de literatura verificamos a existência de uma versão reduzida desta medida que se tornou o nosso foco de interesse. Optamos por utilizar no presente estudo a versão reduzida, para isso solicitamos a aprovação do autor, Borkovec para adaptar a medida, explicitando os procedimentos e objetivos desta adaptação. A primeira etapa importante da adaptação do Abbreviated Penn State Worry Questionnaire para a população portuguesa é a sua tradução do idioma de origem para o idioma alvo, isto é, do inglês para o português. Este processo é complexo, exigindo uma série de cuidado, a fim de se obter uma versão final adequada para a nova população, mas também congruente com a versão original. Em primeiro momento, o PSWQ-A foi traduzido do inglês para o português por duas estudantes pós-graduadas da área da psicologia. Após chegar a uma proposta final elaborada pela orientadora do presente estudo, em seguida foi solicitada a tradução desta proposta a duas pessoas bilíngues para avaliar a coerência das frases. A etapa que se seguiu foi o processo de adaptação do PSWQ-A (versão reduzida do PSWQ) para a co-preocupação. O processo de adaptação basicamente consistiu na transformação dos itens do singular para o plural, por exemplo, na versão do PSWQ-A o item 2 correspondia “Muitas situações preocupam-me” na versão da co-preocupação o item 2 passou a ser “Muitas situações preocupam-nos”. Esta etapa teve como apoio o parecer de três especialistas da área de estudos dos casais, uma vez que dentro do casal pode haver níveis diferentes de preocupação, @s especialistas chegaram à conclusão que a instrução mais adequada a dar seria: “Para preenchimento das respostas abaixo, pedimos-lhe que pense o que mais caracteriza a forma de funcionar do casal. Por vezes, há uma pessoa muito preocupada e outra nada preocupada. O que lhe é pedido é que responda acerca do que acaba por acontecer no casal. Para cada resposta considere sempre o vosso funcionamento em comum, e não apenas o seu funcionamento ou o do seu/sua companheir@”. Após a conclusão destas etapas, a primeira versão do instrumento está pronta para o próximo passo que consideramos essencial: uma fase de teste piloto com voluntários. Esta fase de testagem teve como intuito verificar se as instruções, os itens e a escala de resposta são compreensíveis para o público alvo, isto é, verificar se as instruções são claras, se os termos presentes nos itens estão adequados e se as expressões correspondem às utilizadas pelo grupo. Este processo realizou-se mediante a aplicação na plataforma online a uma amostra de 20 indivíduos, foi solicitada a colaboração no sentido de responderem integralmente ao questionário e depois emitirem a sua opinião em relação ao significado dos itens e eventuais

dificuldades de interpretação das questões. Nenhuma compensação monetária ou outros incentivos foram oferecidos aos voluntários. Após reajustamento da medida, considerou-se que esta estaria pronta para ser validada. A versão portuguesa traduzida e adaptada pode ser consultada no apêndice I (pp. II-III).

Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados decorreu após aprovação do Projeto de investigação pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. O protocolo de investigação foi inserido numa plataforma online «Qualtrics».

A recolha de dados realizou-se entre fevereiro e abril de 2019 (três meses). O tempo de aplicação do formulário demorou aproximadamente 15 minutos. Todos os participantes colaboraram voluntariamente e de forma anónima, sem possibilidade de compensação económica. O consentimento informado continha a explicação dos objetivos do estudo, da confidencialidade, da possibilidade de desistir a qualquer momento e da possibilidade de participar em casal utilizando um código em conjunto.

Para a constituição da amostragem, foi usado o método de amostragem não probabilístico, respetivamente a técnica «amostragem em bola de neve».

Para inclusão neste estudo foram estabelecidos os seguintes critérios, 1) dominar a língua portuguesa como língua nativa; 2) ser maior de idade e 3) estar numa relação amorosa exclusiva há pelo menos um ano. Os critérios de exclusão eram estar a fazer medicação psiquiátrica.

Procedimentos de análise de dados

Dado o procedimento analítico implicar uma análise fatorial exploratória e outra confirmatória, a amostra geral (255 participantes) foi aleatoriamente dividida em duas subamostras. A subamostra 1 é composta por 129 participantes (análise fatorial exploratória) e a subamostra 2 por 126 participantes (análise fatorial confirmatória).

Inicialmente, caracterizaram-se os itens da CO-PSWQ-A face à sua assimetria e córtose para avaliar os seus desvios à distribuição normal. De acordo com Finney e DiStefano (2013) valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de córtose inferiores a 7 sugerem desvios pouco acentuados face à distribuição normal. Em seguida, aplicou-se uma análise fatorial exploratória (AFE) com rotação varimax para se perceber qual a estrutura subjacente aos itens. A extração

dos fatores teve em consideração a informação combinada dos seguintes elementos: Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) com valores superiores a .70 revelando adequabilidade das correlações existentes entre os itens e consequente retenção de fatores com valores próprios superiores a 1 (Tabachnick & Fidell, 2007).

Após conclusão da AFE, realizou-se uma análise fatorial confirmatória (AFC) da estrutura decorrente da AFE. Para avaliar a qualidade do ajustamento dessa estrutura aos dados, utilizaram-se os seguintes indicadores de ajustamento: o valor do teste de qui-quadrado (χ^2), o CFI (Comparative Fit Index), o TLI (Tucker-Lewis Index), o RMSEA (Root Mean Square Error Approximation) com intervalo de confiança de 90%, e o SRMR (Standardized Root Mean Square Residual). Considera-se um bom ajustamento aos dados quando se alcançam, ou ultrapassam, os seguintes valores: CFI e TLI de .90, ou idealmente superiores a .95 (e.g., Bentler, 1990; Bentler & Dudgeon, 1996) e valores de RMSEA e de SRMR inferiores a .08 (e.g., Hu & Bentler, 1999).

A consistência interna da solução fatorial validada em AFC foi, posteriormente, avaliada com base no alfa de Cronbach. De acordo com o critério de Nunally e Bernstein (1994) valores inferiores a .60 sugerem uma consistência interna inaceitável, entre .60 e .70 uma consistência interna adequada e valores superior a .70 revelam uma consistência interna muito satisfatória.

A validade convergente foi analisada a partir do Coeficiente de Correlação de Pearson, entre o score total do CO-PSWQ-A e o score total do PSWQ-A, esperando-se encontrar uma correlação moderada, positiva e significativa, visto que ambas as medidas avaliam construtos teoricamente relacionados. Para a validade discriminante, foi aplicado o Coeficiente de Correlação de Pearson, entre o score total do CO-PSWQ-A e o score total do SPS, esperando-se encontrar uma correlação fraca e não significativa entre CO-PSWQ-A e SPS.

A análise descritiva dos itens, assim como a AFE, realizaram-se em SPSS (v. 25, SPSS Inc, Chicago, IL) e a AFC realizou-se em R (R Core Team, 2020) através do pacote lavaan (Rosseel, 2012) tendo o diagrama fatorial sendo extraído através do pacote semPlot (Epskamp, 2015).

Resultados

Caracterização da subamostra 1

A primeira subamostra é constituída por 129 participantes, com idades compreendidas entre os 20 e 67 anos ($M = 36.19$, $DP = 10.05$), dos quais 77.5% se identificaram como género

feminino ($n = 100$), 93.8% não se consideram transgénero ($n = 121$), 91.5% referiram-se como heterossexuais ($n = 118$) e 36.4% eram casados ($n = 47$). No que diz respeito à formação profissional, 41.1% concluíram a licenciatura ($n = 53$). Em relação onde vivem, 45% vivem no centro da área urbana ($n = 58$). Informação adicional sobre os restantes dados sociodemográficos da amostra é apresentada na tabela 1.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da subamostra 1 ($n = 129$)

Variável	<i>N</i>	%
Identidade de género		
Género Feminino	100	77.5
Género Masculino	29	22.5
Transgénero		
Sim	6	4.7
Não	121	93.8
Não sei	1	0.8
Orientação sexual		
Heterossexuais	118	91.5
Bisexuais	4	3.1
Lésbicas	4	3.1
Gay	2	1.6
Outra	1	0.8
Formação escolar		
9ºano ou equivalente	1	0.8
12ºano ou equivalente	31	24
Licenciatura	53	41.1
Mestrado	35	27.1
Doutoramento	7	5.4
Outra	2	1.6
Estatuto da relação		
União de facto/coabitação	43	33.3
Casamento	47	36.4
Namoro	35	27.1
Outra	4	3.1
Área de residência		
Centro da área urbana	58	45
Periferia de um centro urbano	47	36.4
Centro urbanizado de uma zona rural	10	7.8

Zona rural junto a um centro urbano	10	7.8
Zona rural com muita densidade populacional	1	0.8
Zona rural com pouca população	2	1.6

Nota. Na caracterização sociodemográfica da amostra ($N = 129$) foi encontrado um missings value nas variáveis «Transgénero» e «Área de residência»

Estatística descritiva

A tabela 2 apresenta a estatística descritiva para cada item que integra o instrumento CO-PSWQ-A, recolheu-se informação sobre as suas médias e desvio-padrão, bem como informação adicional sobre a sua assimetria, erro padrão da assimetria, curtose, erro padrão da curtose, outliers e missings. Verifica-se que para cada item não existe um desvio acentuado face à distribuição normal, apesar desses desvios serem mais expressivos para os itens 5, 6 e 7 passando ligeiramente o valor *cut-off* de 3 para a assimetria (quando se divide o seu valor de assimetria pelo erro-padrão), mas todos os valores de curtose permanecem inferiores ao *cut-off* de 10 (Maroco, 2014). Ainda assim, pela análise gráfica dos Q-Q plots não se observa um desvio acentuado face à distribuição normal. Também a presença de outliers moderados (casos 37, 73, 110, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 128, 129) pela sua baixa expressão levou à manutenção dos mesmos na análise. Não se verificaram não respostas.

Tabela 2

Estatística descritiva da CO-PSWQ-A

Itens	<i>M (DP)</i>	Assimetria (<i>EP</i>)	Curtose (<i>EP</i>)	Outliers	Missings
1	2.23 (.99)	.383 (.213)	-.278 (.423)	0	0
2	2.47 (1.09)	.511 (.213)	-.265 (.423)	4	0
3	2.37 (1.07)	.527 (.213)	-.330 (.423)	4	0
4	3.10 (1.06)	-.103 (.213)	-.593 (.423)	0	0
5	1.98 (1.11)	.969 (.213)	.090 (.423)	0	0
6	1.93 (1.05)	.904 (.213)	.088 (.423)	0	0
7	1.91 (1.13)	1.25 (.213)	.796 (.423)	7	0
8	2.41 (1.05)	.403 (.213)	-.437 (.423)	4	0

Análise Fatorial Exploratória

Realizou-se uma AFE de 8 itens com rotação varimax para averiguar a estrutura subjacente às variáveis utilizadas para medir o construto de co-preocupação. A medida de KMO indicou adequabilidade desta análise face à amostra recolhida ($KMO = .899$). O teste de esfericidade de Bartlett indicou uma matriz de correlações adequadas entre os itens em análise que justificam a aplicação da AFE ($X^2(28) = 525.719, p < .001$). A matriz de correlação entre os itens encontra-se na tabela 3. De referir que apesar da adequabilidade das correlações entre os itens, não se verifica excesso de correlação, na medida em que o valor de determinante de .015 é superior ao valor cut-off de .00001.

Tabela 3

Correlações entre os itens do instrumento CO-PSWQ-A (n = 129)

Itens	1	2	3	4	5	6	7
1	1						
2	.574	1					
3	.500	.651	1				
4	.438	.579	.513	1			
5	.483	.612	.573	.475	1		
6	.387	.516	.497	.346	.688	1	
7	.496	.552	.482	.401	.552	.553	1
8	.414	.712	.549	.522	.635	.483	.510

A extração dos fatores teve por base os valores próprios superiores a 1, tendo-se também analisado o ponto de inflexão através do gráfico de Cattell. Em ambos os casos, os resultados sugeriram a extração de um único factor que explicou cerca de 58.7% da variância. Após extração a variância explicada foi de 53.1%. Na tabela 4 encontram-se representados os pesos fatoriais extraídos para a solução unifactorial, assim como os valores das comunalidades extraídas, todas elas superiores ao valor mínimo recomendado de .40 (Tabachnick & Fidell, 2007). Também os pesos fatoriais se revelaram todos superiores a .64.

Tabela 4

Pesos fatoriais e comunalidades do instrumento CO-PSWQ-A (n = 129)

Itens	Peso Fatorial	Comunalidades Extraídas
1	.637	.405
2	.846	.715
3	.743	.553
4	.636	.404
5	.802	.643
6	.681	.464
7	.691	.478
8	.763	.583

Análise Fatorial Confirmatória

Caracterização da subamostra 2

A segunda subamostra é constituída por 126 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e 64 anos ($M = 34.41$, $DP = 10.05$), dos quais 72.2% se identificaram como género feminino ($n = 91$), 93.7% não se consideraram transgénero ($n = 118$), 86.5% referiram-se como heterossexuais ($n = 109$) e 32.5% eram casados ($n = 41$). No que diz respeito à formação profissional, 41.3% concluíram a licenciatura ($n = 52$). Em relação onde vivem, 54.8% vivem no centro da área urbana ($n = 69$). Informação adicional sobre os restantes dados sociodemográficos da amostra é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5

Caracterização sociodemográfica da subamostra 2 (n = 126)

Variável	N	%
Identidade de género		
Género Feminino	91	72.2
Género Masculino	33	26.2
Não-binária	1	0.8
Sem género	1	0.8
Transgénero		

Sim	6	4.8
Não	118	93.7
Não sei	1	0.8
Prefiro não responder	1	0.8
Orientação sexual		
Heterossexuais	109	86.5
Bissexuais	9	7.1
Lésbicas	3	2.4
Gay	2	1.6
Indefinida	1	0.8
Outra	2	1.6
Formação escolar		
9ºano ou equivalente	1	0.8
12ºano ou equivalente	28	22.2
Licenciatura	52	41.3
Mestrado	32	25.4
Doutoramento	7	5.6
Outra	6	4.8
Estatuto da relação		
União de facto/coabitação	41	32.5
Casamento	41	32.5
Namoro	40	31.7
Outra	3	2.4
Área de residência		
Centro da área urbana	69	54.8
Periferia de um centro urbano	35	27.8
Centro urbanizado de uma zona rural	8	6.3
Zona rural junto a um centro urbano	4	3.2
Zona rural com muita densidade populacional	5	4
Zona rural com pouca população	3	2.4

Nota. Na caracterização sociodemográfica da amostra ($N = 126$) foi encontrado um missings value nas variáveis «Estatuto da relação» e «Área de residência»

Validade de construto

A estrutura unifatorial extraída da AFE foi submetida a uma AFC com aplicação do método robusto de máxima verosimilhança (MLM). Os resultados ilustram um bom ajustamento aos dados desta ($X^2(20) = 47.694$, $p < .001$, CFI = .94, TLI = .92, RMSEA = .11, 90% IC [.07, .14]), SRMR = .06). Apesar do valor obtido para o RMSEA ser superior ao valor

cut off de .08, este indicador apresenta tendencialmente resultados reveladores de ajustamento inadequado quando as amostras são de pequena dimensão, gerando modelos com número reduzido de graus de liberdade, no âmbito das equações estruturais; na presença de uma amostra de pequena dimensão deverá privilegiar-se o indicador SRMR que neste caso sugere um excelente ajustamento aos dados da estrutura unifatorial (Kenny et al., 2015). Todos os indicadores apresentam um peso fatorial significativo ($p < .001$). A Figura 1 ilustra a estrutura unifatorial testada assim como os seus pesos fatoriais.

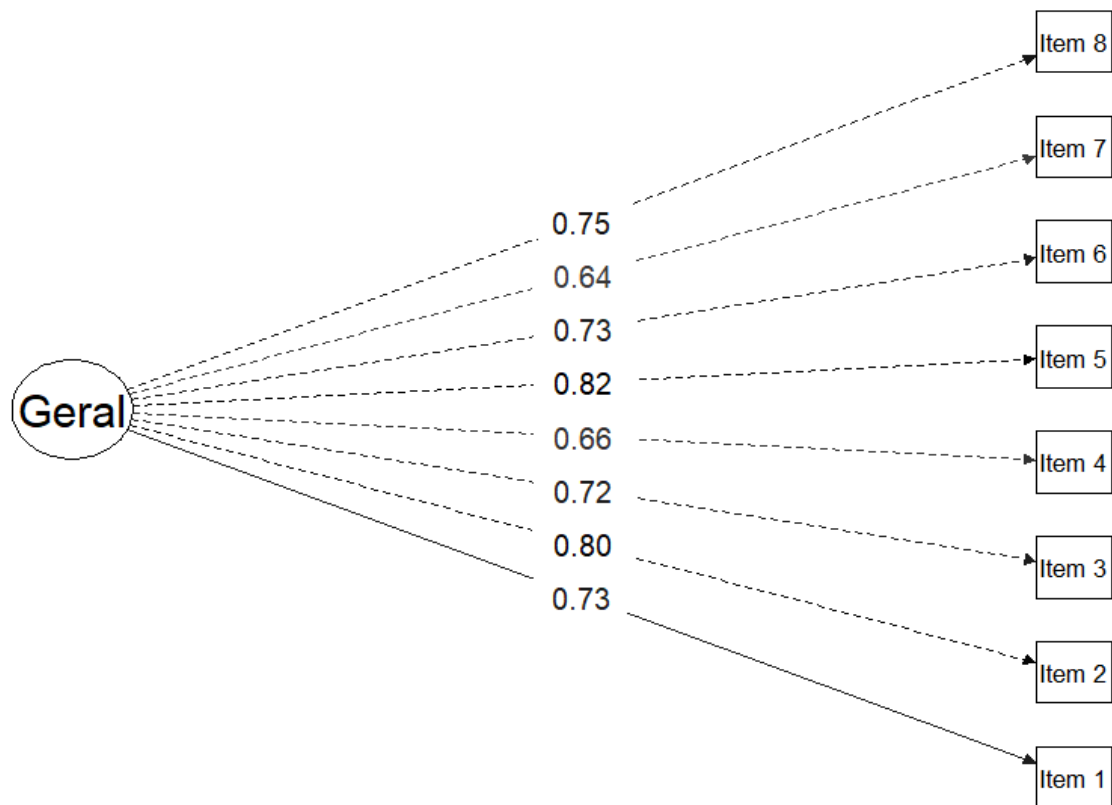


Figura1. Diagrama da estrutura unifatorial e respetivos pesos fatoriais

Nota. A linha contínua remete para o indicador que foi fixo para conceder métrica ao construto geral

Consistência interna

O alfa de Cronbach (α) para o fator geral do CO-PSWQ-A foi de $\alpha = .90$ sugerindo uma excelente consistência interna, esta foi testada no presente trabalho com uma subamostra (subamostra 2).

Validade convergente e discriminante

Os resultados obtidos através das correlações de Pearson indicam uma correlação moderada, positiva e significativa entre o CO-PSWQ-A e o PSWQ-A ($r = .555$, $p < .001$) ilustrando a existência de validade convergente; e uma correlação fraca e não significativa entre CO-PSWQ-A e SPS evidenciando a existência de validade discriminante. Os resultados da validade convergente e discriminante (consultar tabela 6) foram testados com a subamostra 2 (constituída por 126 participantes).

Tabela 6

Correlações entre CO-PSWQ-A, PSWQ-A e SPS (n = 126)

	1	2	3
1. CO-PSWQ-A	-		
2. PSWQ-A	.555**	-	
3. SPS	-.133	-.268**	-

Nota. ** $p < .01$

Discussão

O CO-PSWQ-A é uma adaptação do PSWQ-A e é um instrumento de autorrelato que avalia a co-preocupação no contexto dos relacionamentos amorosos. Este trabalho reporta o processo de adaptação do CO-PSWQ-A e analisa as propriedades psicométricas do instrumento. Tendo em conta que o procedimento analítico implicou uma análise fatorial exploratória e outra confirmatória, a amostra geral de 255 participantes foi aleatoriamente dividida em duas subamostras. A subamostra 1 é composta por 129 participantes, em que foi utilizada na estatística descritiva e na análise fatorial exploratória, a subamostra 2 é composta por 126 participantes, em que foi utilizada na análise fatorial confirmatória, na consistência interna, na validade convergente e na validade discriminante). Este trabalho teve como finalidade contribuir para o enriquecimento da literatura na área da co-preocupação dos relacionamentos amorosos. Para além disso, procura colmatar algumas das lacunas encontradas na literatura, nomeadamente, a inexistência de instrumentos que avaliem a co-preocupação na dimensão em casais.

No que diz respeito a sensibilidade dos itens do instrumento, o mesmo foi avaliado através dos coeficientes de assimetria e curtose. De acordo com o critério de Finney e DiStefano (2013), considera-se adequado valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose

inferiores a 7, o que sugere desvios pouco acentuados face à distribuição normal. Mediante os resultados obtidos, verificou-se uma distribuição aproximadamente normal e sugerindo uma sensibilidade psicométrica adequada dos mesmos itens. Em termos comparativos, os resultados do presente estudo são semelhantes aos encontrados na versão que serviu de base a esta adaptação, o PSWQ-A que apresenta uma distribuição normal com valores dentro dos limites aceitáveis quer para a amostra de adultos mais velhos (assimetria= .96, cúrtose= .36) ou quer para a amostra de adultos mais jovens (assimetria= .21, cúrtose= .86) (Crittendon & Hopko, 2006).

No decurso da análise à validade de constructo, os resultados da análise fatorial exploratória (testada com a subamostra 1, $n = 129$) evidenciam a presença de um único fator, o qual foi responsável por cerca de 58.7% da variância explicada. Em termos de comparação, os resultados do presente estudo são semelhantes aos encontrados na versão que serviu de base a esta adaptação da escala na qual a nossa se baseou, o PSWQ-A (Crittendon & Hopko, 2006). Deste modo, os resultados do presente estudo suportam a utilização do CO-PSWQ-A como escala unidimensional.

A estrutura unifatorial foi posteriormente submetida a uma análise fatorial confirmatória (testada com a subamostra 2, $n = 126$). Os resultados da AFC ilustram um bom ajustamento aos dados da estrutura unifatorial. No que diz respeito as cargas fatoriais, a revisão da literatura sugere a manutenção de itens com cargas fatorial superior a .50 (Almeida & Freire, 2017). Tendo em conta o critério proposto pelos autores todas as cargas fatoriais dos itens do presente estudo apresentam valores superiores ao recomendado (e.g. os valores variam entre .63 a .84), ou seja, o nosso resultado retém todos os itens, o que sustenta a sua relevância para a avaliação da dimensão da co-preocupação. Em termos de comparação, os pesos fatoriais apresentados pelos itens no presente estudo mostraram-se, semelhantes aos pesos fatoriais referidos no estudo de Crittendon e Hopko (2006) cujo valores variam entre .66 a .81.

A validade convergente foi testada usando o PSWQ-A, esta foi testada no presente estudo com a subamostra 2 ($n = 126$). Conforme hipotetizado, verificou-se uma concordância nos resultados das correlações entre o score total do CO-PSWQ-A e o score total do PSWQ-A. Ou seja, os valores obtidos indicam uma correlação moderada, positiva e significativa entre as duas escalas. Esta correlação demonstra que a escala CO-PSWQ-A se relaciona de forma teoricamente esperada com construtos próximos e relevantes. Apesar do CO-PSWQ-A ser uma adaptação do PSWQ-A o valor de associação encontrado permite indicar que, apesar de

relacionadas uma vez que avaliam cognições repetitivas, as escalas avaliam construtos diferentes.

Entre o CO-PSWQ-A e o SPS não se verificou associações significativas, demonstrando que ambas as escalas avaliam construtos diferentes, evidenciando a existência de validade discriminante (testada com a subamostra 2, $n = 126$). Neste sentido, a revisão da literatura recorda que o construto do CO-PSWQ-A, denominado «co-preocupação», é caracterizado por três tópicos, 1) por conversas diádicas repetitivas sobre a perceção de ameaças; 2) pela incapacidade de controlar a preocupação e 3) pela incapacidade de lidar com futuros eventos negativos (Dombrowski, 2014). Já o construto da medida SPS, «prazer sexual», envolve sentimentos positivos que surgem de estímulos sexuais. Resulta de uma variedade de atividades que envolvem relações sexuais, excitação, estimulação genital ou orgasmo (Abramson & Pinkerton, 1995). Assim, os resultados vão no sentido teórico esperado.

Relativamente à consistência interna, o instrumento CO-PSWQ-A mostrou possuir, de acordo com os critérios de Nunally e Bernstein (1994), uma excelente consistência interna, com um valor de alfa de *Cronbach* de .90 (valores referentes a subamostra 2, $n = 126$), o que indica uma elevada fiabilidade. O valor do alfa de *Cronbach* adquirido no presente estudo é concordante com os valores apresentados em investigações prévias (e.g. Crittendon & Hopko, 2006; Dombrowski, 2014).²

Implicações do estudo

Os resultados deste estudo podem ser pertinentes para a investigação de processos transdiagnóstico na génese e manutenção da psicopatologia. Este estudo ajuda a colmatar algumas lacunas na literatura e contribui para o incremento do conhecimento científico sobre a co-preocupação, especificamente nas relações amorosas, um conceito inovador e cujo papel é importante clarificar e conhecer, quer na adaptação positiva dos acontecimentos de vida, quer no agravamento das patologias associadas à ansiedade.

² Crittendon e Hopko (2006) desenvolveram uma investigação com uma amostra de 155 participantes (adultos mais velhos) e 183 participantes (adultos mais novos) com o instrumento PSWQ-A que serviu de base para a adaptação da escala (CO-PSWQ-A). Os resultados desta investigação revelaram um alfa de *Cronbach* de .89 para amostra de adultos mais velhos e .94 para amostra de adultos mais jovens. Dombrowski (2014) desenvolveu uma investigação para avaliar a co-preocupação em díades de amizade ($n = 401$). O resultado do valor de alfa de *Cronbach* foi de .89.

Limitações e sugestões para futuros estudos

Este estudo, pretendeu contribuir para o conhecimento na área da co-preocupação, contudo, apresenta algumas limitações. A principal limitação está associada à dimensão da amostra. No entanto, apesar da amostra ser reduzida, a escala apresentou-se bastante robusta nos dados dos pesos fatoriais e nas comunalidades elevadas, ou seja, apesar da amostra ser reduzida a qualidade psicométrica do instrumento parece ser saliente.

Outra das limitações é o recrutamento *online* e o processo de amostragem. O presente estudo inclui uma amostra recolhida através de uma técnica de amostragem não probabilística designada por «bola de neve». Este tipo de recrutamento e amostragem, pode apresentar algumas vantagens específicas para a pesquisa (e.g. contacto mais fácil com a população e amostragem mais diretiva) contudo, pode ter também desvantagens (e.g. outros sujeitos da população não terem oportunidade de participar porque não tinham acesso a *internet*, computador). Tendo isto em conta, os resultados do presente estudo se confinam à amostra obtida, pelo que, na perspetiva de Almeida e Freire (2017) os mesmos não são representativos a outros sujeitos da população e não podem ser generalizados.

Pontua-se também, que não foi tida em consideração uma população clínica e não foram usados indicadores de ajustamento emocional. Ou seja, não foi utilizado nenhum instrumento que avaliasse, por exemplo, a depressão ou a ansiedade (e.g. os participantes não foram questionados sobre possíveis sofrimentos emocionais). Deste modo, no presente estudo não é possível clarificar a relevância clínica do instrumento.

Os estudos futuros com o instrumento CO-PSWQ-A devem ser desenvolvidos de forma a superar estas limitações. Será necessário também replicar este estudo com uma amostra de maior dimensão até para permitir análises mais complexas à sua estrutura, por exemplo, uma análise multigrupo. Também consideramos pertinente, num estudo futuro, avaliar a co-preocupação em pares amorosos (ou seja, analisar a perspetiva de ambos os elementos do casal), comparar as diferenças entre géneros e clarificar a relevância clínica do instrumento, com o objetivo de contribuir nas intervenções em contexto casal e poder servir como ferramenta de triagem para resolver problemas associados a outras medidas.

Apesar das limitações apontadas, o presente estudo contribui com uma breve revisão do construto co-preocupação e revela-se pertinente na medida em que, é o primeiro estudo em contexto nacional a pontuar a co-preocupação, bem como a traduzir e adaptar a CO-PSWQ-A para o contexto relação amorosa. De que temos conhecimento é o primeiro estudo a nível

internacional, a contribuir para o processo de validação da CO-PSWQ-A no contexto relação amorosa, a partir de uma análise preliminar sobre algumas das suas qualidades psicométricas. Os resultados do presente estudo sugerem que a CO-PSWQ-A é um instrumento com características psicométricas adequadas, tendo isto em conta, faz sentido um olhar mais atento às dinâmicas interpessoais e um maior investimento, quer em programas de prevenção, como em medidas psicológicas adequadas à sua mensuração.

Referências Bibliográficas

- Abramson, E., & Pinkerton, S. (1995). *With pleasure: Thoughts on the nature of human sexuality*. New York: Oxford University Press.
- Almeida, L., & Freire, T. (2017). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação* (5.^a ed.). Braga: Psiquilibrios.
- Babcock, L., MaloneBeach, E., Hou, B., & Smith, M. (2012). The experience of worry among young and older adults in the United States and Germany: A cross-national comparison. *Aging & Mental Health*, 16(4), 413-422.
- Barahmand, U. (2008). Age and gender differences in adolescent worry. *Personality and Individual Differences*, 45(8), 778-783.
- Barlow, D., Allen, L., & Choate, M. (2004). Toward a unified treatment for emotional disorders. *Behavior Therapy*, 35(2), 205-230.
- Basevitz, P., Pushkar, D., Chaikelson, J., Conway, M., Dalton, C. (2008). Age-related differences in worry and related processes. *The International Journal of Aging and Human Development*, 66(4), 283-305.
- Beck, T., & Clark, A. (2012). *Terapia Cognitiva para transtornos de ansiedade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bentler, P. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246.
- Bentler, P., & Dudgeon, P. (1996). Covariance structure analysis: Statistical practice, theory, and directions. *Annual Review of Psychology*, 47, 563-592.
- Boehnke, K., Schwartz, S., Stromberg, C., & Sagiv, L. (1998). The structure and dynamics of worry: Theory, measurement, and cross-national replications. *Journal of Personality*, 66(5), 745-782.
- Borkovec, T. (1985). Worry: a potentially valuable concept. *Behaviour Research and Therapy*, 23(4), 481-482.
- Calmes, C., & Roberts, J. (2008). Rumination in interpersonal relationships: Does co-rumination explain gender differences in emotional distress and relationship satisfaction among college students? *Cognitive Therapy and Research*, 32, 577-590.
- Chang, E. (2000). Perfectionism as a predictor of positive and negative psychological outcomes: Examining a mediation model in younger and older adults. *Journal of Counseling Psychology*, 47(1), 18-26.

- Chartrand, T., & Van Baaren, R. (2009). Human mimicry. *Advances in Experimental Social Psychology*, 41, 219-274.
- Chen, J., Liu, X., Rapee, R., & Pillay, P. (2013). Behavioural activation: A pilot trial of transdiagnostic treatment for excessive worry. *Behaviour Research and Therapy*, 51, 533-539.
- Craske, M., Rapee, R., Jackel, L., & Barlow, D. (1989). Qualitative dimensions of worry in DSM-III-R generalized anxiety disorder subjects and nonanxious controls. *Behaviour Research and Therapy*, 27(4), 397-402.
- Crittendon, J., & Hopko, D. (2006). Assessing worry in older and younger adults: Psychometric properties of an abbreviated Penn State Worry Questionnaire (PSWQ-A). *Anxiety Disorders*, 20, 1036-1054.
- Davey, G., Hampton, J., Farrell, J., & Davidson, S. (1992). Some Characteristics of Worrying: Evidence for Worrying and Anxiety as Separate Constructs. *Personal Individual Differences*, 13(2), 133-147.
- Davey, G., Tallis, F. (1994). *Worrying: Perspectives on Theory, Assessment and Treatment*. Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Davey, G., Tallis, F., & Capuzzo, N. (1996). Beliefs about the consequences of worrying. *Cognitive Therapy and Research*, 20(5), 499-520.
- Denovan, A., & Macaskill, A. (2013). An interpretative phenomenological analysis of stress and coping in first year undergraduates. *British Educational Research Journal*, 39(6), 1002-1024.
- Dombrowski, C. V. (2014). Gender Differences in Co-rumination, Co-worry and Internalizing Symptoms in Late Adolescence. Tese apresentada a University of Connecticut para obtenção do grau de Mestre, orientada por Kimberli Tradwell, Connecticut. Retirado a 4 de dezembro, 2018, em https://opencommons.uconn.edu/gs_theses/542/.
- Dugas, M., Gosselin, P., & Ladouceur, R. (2001). Intolerance of Uncertainty and Worry: Investigating Specificity in a Monoclinical Sample. *Cognitive Therapy and Research*, 25(5), 551-558.
- Dupuy, J., Beaudoin, S., Rhéaume, J., Ladouceur, R., & Dugas, M. (2001). Worry: daily self-report in clinical and non-clinical populations. *Behaviour Research and Therapy*, 39, 1249-1255.
- Epskamp, S. (2015). SemPlot: Unified visualizations of structural equation models. *Structural Equation Modeling*, 22(3), 474-483.

- Finney, S., & DiStefano, C. (2013). Non-normal and categorical data in Structural Equation Modeling. In G. Hancock & R. Mueller (Eds.), *Structural Equation Modeling: A second course* (2nd ed., pp.439–492). Charlotte, NC, USA: Information Age Publishing.
- Forte, M., Jahoda, A., & Dagnan, D. (2011). An anxious time? Exploring the nature of worries experienced by young people with a mild to moderate intellectual disability as they make the transition to adulthood. *British Journal of Clinical Psychology*, 50, 398-411.
- Freeston M., Rheaume J., Letarte H., Dugas M., & Ladouceur R. (1994). Why do people worry? *Personal and Individual Differences* 17, 6, 791-802.
- Goldstein, M. (2014). Co-Worry in Friendship Days. Tese apresentada a University of Connecticut para obtenção do grau de Mestre, Connecticut. Retirado a 4 de dezembro, 2018, em https://opencommons.uconn.edu/srhonors_theses/402/.
- Gonçalves, D., & Byrne, G. (2012). Who worries most? Worry prevalence and patterns across the lifespan. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 28(1), 41-49.
- Gosselin P., Ladouceur R., Langlois F., Freeston M., Dugas M., & Bertrand J. (2003). Développement et validation d'un nouvel instrument évaluant les croyances erronées à l'égard des inquiétudes. [Development and validation of a new instrument to evaluate erroneous beliefs about worries]. *European Review of Applied Psychology*, 53, 3-4, 199-211.
- Gould, C., & Edelstein, B. (2010). Worry, emotion control, and anxiety control in older and young adults. *Journal of Anxiety Disorders*, 24, 759-766.
- Harvey, A., Watkins, E., Mansell, W., & Shafran, R. (2004). *Cognitive behavioural processes across psychological disorders: A transdiagnostic approach to research and treatment*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Hebert, E., Dugas, M., Tulloch, T., & Holowka, D. (2014). Positive beliefs about worry: A psychometric evaluation of the Why Worry-II. *Personality and Individual Differences*, 56, 3-8.
- Hopko, D., Stanley, M., Reas, D., Wetherell, J., Beck, J., Novy, D., et al. (2003). Assessing worry in older adults: confirmatory factor analyses of the Penn State Worry Questionnaire and psychometric properties of an abbreviated model. *Psychological Assessment*, 15, 173–183.
- Hu, L., & Bentler, P. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1–55.

- Hunt, S., Wisocki, P., & Yanko, J. (2003). Worry and use coping strategies among older and younger adults. *Anxiety Disorders*, 17, 547-560.
- Hunt, S., Wisocki, P., & Roger, P. (2009). 'What, Me Worry?' An examination of the literature on worry and the older adult. *The Behavior Therapist*, 32, 9-16.
- Kelly, W. (2004). Examining the relationship between worry and trait anxiety. *College Student Journal*, 38(3), 370-373.
- Kelly, W. (2008). Anxiety and stress as contributory factors in pathological and nonpathological worry. *Psychology Journal*, 5(3), 147-157.
- Kelly, W., & Paolini, L. (2014). The Relationship between Worry and Family Functioning Among Young Adults. *Individual differences Research*, 12(1), 31-37.
- Kenny, D. A., Kaniskan, B., & McCoach, D. B. (2015). The Performance of RMSEA in Models With Small Degrees of Freedom. *Sociological Methods & Research*, 44(3), 486-507.
- Klein, W., Zajac, L., & Monin, M. (2009). Worry as a Moderator of the Association Between Risk Perceptions and Quitting Intentions in Young Adult and Adult Smokers. *Annual Behavioral Medicine*, 38, 256-261.
- Laird, J., & Bresler, C. (1992). The process of emotional experience: A self-perception theory. In M. Clark (Eds.), *Review of personality and social psychology 13: Emotion* (pp. 213-234). Newbury Park, CA: Sage.
- Lindesay, J., Baillon, S., Brugha, T., Dennis, M., Stewart, R., Araya, R., et al. (2006). Worry content across the lifespan: an analysis of 16-74 year old participants in the British National Survey of Psychiatric Morbidity. *Psychological Medicine*, 36, 1625-1633.
- MacLeod, A., Williams, J., & Bekerian, D. (1991). Worry is reasonable: The role of explanations in pessimism about future personal events. *Journal of Abnormal Psychology*, 100(4), 478-486.
- Maroco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics* (6ª ed.). Pêro Pinheiro, Portugal: Gráfica Manuel Barbosa & Filho.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios.
- Mathews, A. (1990). Why worry? The cognitive function of anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 28(6), 455-468.
- Meyer, T., Miller, M., Metzger, R., & Borkovec, T. (1990). Development and Validation of the Penn State Worry Questionnaire. *Behav. Behaviour Research and Therapy*, 28(6), 487-495.

- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Paolini, L., Yanez, A., & Kelly, W. (2006). An examination of worry and life satisfaction among college students. *Individual Differences Research*, 4, 331-339.
- Parkinson, B., & Simons, G. (2014). Worry spreads: Interpersonal transfer of problem-related anxiety. *Cognition and Emotion*, 26(3), 462-479.
- Parkinson, B., Simons, G., & Niven, K. (2016). Sharing Concerns: Interpersonal Worry Regulation in Romantic Couples. *Emotion*, 16 (4), 449-458.
- Pascoal, P., Sanchez, D., Raposo, C., & Pechorro, P. (2017). The Sexual Pleasure Scale.
- R Core Team. (2020). R: A language and environment for statistical computing (version 3.5.1) [computer software]. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing <https://www.r-project.org/>.
- Rodriguez-Seijas, C., Eaton, N., & Krueger, R. (2015). How transdiagnostic factors of personality and psychopathology can inform clinical assessment and intervention. *Journal of Personality Assessment*, 97, 425-435.
- Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R Package for structural equation modeling. *Journal of Statistical Software*, 48, 1–36.
- Ruscio, A., & Borkovec, T. (2004). Experience and appraisal of worry among high worriers with and without generalized anxiety disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 42(12), 1469-1482.
- Ruscio, A., Borkovec, T., & Ruscio, J. (2001). A Taxometric Investigation of the Latent Structure of Worry. *Journal of Abnormal Psychology*, 110(3), 413-422.
- Sanchez, D., Crocker, J., & Boike, K. (2005). Doing Gender in the Bedroom: Investing in Gender Norms and the Sexual Experience. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 10, 1445-1455.
- Schwartz, S., & Melech, G. (2000). National differences in micro and macro worry: social, economic, and cultural explanations. In E., Diener, & E., Suh (Eds.), *Culture and subjective well-being* (pp. 219–256). Cambridge, MA: Bradford Books.
- Segerstrom, S., Tsao, J., Alden, L., & Craske, M. (2000). Worry and rumination: Repetitive thought as a concomitant and predictor of negative mood. *Cognitive Therapy and Research*, 24, 671-688.
- Sibrava N., & Borkovec T. (2006). The cognitive avoidance theory of worry. In G., Davey, & A., Wells (Eds.), *Worry and its psychological disorders, theory, assessment and treatment* (pp. 241- 256). Chichester, England: John Wiley & Sons.

- Spinhoven, P., Drost, J., Hemert, B., & Penninx, B. (2015). Common rather than unique aspects of repetitive negative thinking are related to depressive and anxiety disorders and symptoms. *Journal of Anxiety Disorders*, 33, 45-52.
- Stober, J., & Joormann, J. (2001a). A short form of the Worry Domains Questionnaire: Construction and factorial validation. *Personality and Individual Differences*, 31, 119-126.
- Stober, J., & Joormann, J. (2001b). Worry, procrastination, and perfectionism: Differentiating amount of worry, pathological worry, anxiety, and depression. *Cognitive therapy and Research*, 25, 49-60.
- Szabo, M., & Lovibond, P. (2002). The cognitive content of naturally occurring worry episodes. *Cognitive Therapy and Research*, 26(2), 167-177.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson/Allyn & Bacon.
- Tallis, F., Davey, G., & Capuzzo, N. (1994). The phenomenology of non-pathological worry: A preliminary investigation. In G., Davey & F., Tallis (Eds.), *Worrying: Perspectives on theory, assessment and treatment* (pp. 61-89). Chichester, England: John Wiley & Sons.
- Tallis, F., Eysenck, M., & Mathews, A. (1992). A questionnaire for the measurement of nonpathological worry. *Personality and Individual Differences*, 13(2), 161-168.
- Van Kleef, G. (2009). How Emotions Regulate Social Life: The Emotions as Social Information (EASI) Model. *Current Directions in Psychological Science*, 18(3), 184-188.
- Wells, A. (1995). Meta-Cognition and Worry: A Cognitive Model of Generalized Anxiety Disorder. *Behavioural and Cognitive Psychothera*, 23, 301-320.
- Wells, A. (1999). A cognitive model of generalized anxiety disorder. *Behaviour Modification*, 23(4), 526-555.

Apêndice

Apêndice I

Abbreviated Penn State Worry questionnaire para a co-preocupação (CO-PSWQ-A) – versão portuguesa traduzida e adaptada para díade amorosa

Para preenchimento das respostas abaixo, pedimos-lhe que pense o que mais caracteriza a forma de funcionar do casal. Por vezes, há uma pessoa muito preocupada e outra nada preocupada. O que lhe é pedido é que responda acerca do que acaba por acontecer no casal. Para cada resposta considere sempre o vosso funcionamento em comum, e não apenas o seu funcionamento ou o do seu/sua companheir@.

Instruções

Classifique cada uma das afirmações em uma escala de 1 (“*nada típico de nós*”) a 5 (“*muito típico de nós*”).

Por **exemplo**, para a pergunta “Preocupamo-nos em poupar dinheiro” se um/a de vós se preocupa muito em poupar dinheiro e @ outr@ não se preocupa nada em poupar e vocês acabam por nunca falar em poupanças ou agir para poupar, a resposta correta será 1, isto é, “*nada típico de nós*”.

Por favor, não deixe nenhum item em branco.

Item 1: As preocupações esmagam-nos.

1 2 3 4 5

Item 2: Muitas situações preocupam-nos.

1 2 3 4 5

Item 3: Sabemos que não nos devemos preocupar com as coisas, mas não conseguimos evitá-lo.

1 2 3 4 5

Item 4: Quando estamos sob pressão preocupamo-nos.

1 2 3 4 5

Item 5: Estamos sempre preocupad@s com alguma coisa.

1 2 3 4 5

Item 6: Mal acabamos uma tarefa começamos logo a preocupar-nos com tudo o resto que temos de fazer.

1 2 3 4 5

Item 7: Toda a nossa vida fomos pessoas preocupadas.

1 2 3 4 5

Item 8: Noto que nos temos preocupado acerca das coisas.

1 2 3 4 5